

Linguagem & Ensino, Vol. 5, No. 2, 2002 (49-65)

Comunidade acadêmica internacional? Multicultural? Onde? Como?*

(International academic community? Multicultural?
Where? How?)

Désirée Motta-Roth (CNPQ)¹
Universidade Federal de Santa Maria

ABSTRACT: In this paper I try to reflect about multiculturalism and language, based on practices of text writing, reading and publishing of Brazilian applied linguists. Electronic interviews were conducted in order to determine to what extent members of this academic community see themselves as international and multicultural, consider publication as an asset, and define themselves as knowledge producers. The results show a general feeling that, although we are able to create a body of knowledge in the country by brilliant researchers, we suffer from colonization from the anglophonic academia. My argument is that the solution can only come from 1) an awareness of our own cultural conditions (the role of institutions, of objects,

*Trabalho baseado na comunicação da Mesa Redonda 'Multiculturalismo e Ensino de Línguas', XX Semana de Letras e VI Seminário Internacional de Língua e Literatura, Universidade Federal de Santa Maria, 13 de dezembro de 2000.

¹ Este trabalho contou com o apoio do CNPq (Bolsa de Produtividade em Pesquisa no. 350389/98-5) e da com o auxílio de Susana Cristina dos Reis, Bolsista de Iniciação Científica/Fapergs, para a coleta e sistematização dos dados.

COMUNIDADE ACADÊMICA

of participants in knowledge production and the relationship this bears with prestige, power and professional success); and 2) the recontextualization of our own cultural conditions through dialogical practices, confrontation and development of academic literacies.

RESUMO: Neste trabalho, tento refletir sobre multiculturalismo e linguagem, com base nas práticas de escritura, leitura e publicação de textos de lingüistas aplicados brasileiros. Entrevistas eletrônicas foram realizadas para tentar determinar em que medida essa comunidade acadêmica se vê como internacional e multicultural, considera importante a publicação, e se define como produtora de conhecimento. Os resultados apontam um consenso de que ainda sofremos de uma colonização teórica da academia anglofônica, embora já estejamos maduros o bastante para criar um corpo de conhecimento no país e tenhamos pesquisadores brilhantes em número suficiente para isso. Argumento que a solução pode se produzir 1) na consciência de nossas condições culturais (do papel das instituições, dos objetos, dos participantes na produção do saber e deste com questões de prestígio, poder e sucesso profissional); e 2) na transformação de nossas condições culturais através do diálogo, da confronto e do desenvolvimento de literacias acadêmicas.

KEYWORDS: discourse practices, academic context, multiculturalism

PALAVRAS-CHAVE: práticas discursivas, contexto acadêmico, multiculturalismo

DÉSIRÉE MOTTA-ROTH

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, tento discutir os processos discursivos de escritura, leitura e publicação de textos da comunidade acadêmica que se quer internacional e plurilíngüe. Por meio desses processos discursivos, os membros de cada disciplina tentam definir que livros e tópicos de pesquisa são ‘quentes’; que abordagens para as práticas profissional e acadêmica estão sendo discutidas e quais aquelas que oferecem soluções promissoras para os conflitos da contemporaneidade. A produção textual tem aí o papel primordial de formular a representação de uma dada “realidade” significante para o conjunto da área e possibilitar a formulação de um conjunto de significados socialmente compartilhados pelos membros de uma dada disciplina (Lopes & Dulac, 1998, p. 35)

Um caminho para sabermos ‘o que pode ou deve ser dito’, é conhecer a cultura acadêmica – os gêneros textuais, as categorias, as crenças e os valores que as disciplinas articulam em torno de seus objetos de estudo (Kuhn, 1970), o que os membros de um grupo sabem sobre as convenções de uso da linguagem e do discurso da comunidade acadêmica. Essa comunidade se define por suas práticas culturais, ou seja, ‘ações que autores e leitores acadêmicos desempenham com o conhecimento’ (Brodkey, 1987, p. 7) e regras de conduta e interpretação do discurso necessárias para que um sujeito possa interagir como membro de um grupo com o qual compartilha conhecimento sobre como o social se estrutura (Saville-Troike, 1989, p. 110).

Fala-se hoje em multiculturalismo, mas para isso, é preciso ter culturas cujos valores aferidos sejam de igual importância e que, com base nesses valores equânimes,

COMUNIDADE ACADÊMICA

possam interagir paritariamente. O oposto, o monoculturalismo no contexto acadêmico, baseia-se em relações de poder e em forças centrípetas que consagram determinados paradigmas que, embora sejam apenas parte do universo, se sobrepõem às divergências e acabam por definir o coletivo.

Em outras palavras, multi- pressupõe a coexistência simultânea da pluralidade. Nosso questionamento é: “Se pensarmos nos meios de produção de conhecimento atualmente legitimados na academia, é possível pensarmos em ‘multiculturalismo’? Em outras palavras, vivemos um tempo de multiculturalismo ou esse é apenas mais um termo que designa uma quimera que perseguimos?”

Busquei aprofundar esse questionamento, entrevistando lingüistas aplicados, através de questionários via e-mail para tentar delinear alguns atributos essenciais e específicos de práticas discursivas acadêmicas na área. Assim, neste trabalho, pretendo refletir sobre multiculturalismo e linguagem no contexto acadêmico, especificamente no que tange ao uso da língua inglesa. Mas essa reflexão se aplica a outras línguas atualmente investidas de poder em sociedades afluentes, como francês, espanhol ou chinês.

METODOLOGIA

Para o estudo, interagi com um grupo de 23 membros da Associação de Lingüística Aplicada do Brasil (A-LAB) e 41 da Associação Brasileira de Lingüística (A-BRALIN), que atuaram como informantes². Foi enviada

² Aproximadamente 28% dos entrevistados são mestres e 72% são doutores ou pós-doutores, trabalhando de norte (UFPa) a sul (UFRGS),

DÉSIRÉE MOTTA-ROTH

uma mensagem, perguntando 1) quais os fatores determinantes e 2) qual o papel da publicação no contexto acadêmico brasileiro. Ao entrevistar esses pesquisadores, tentei buscar o ponto de vista dos atores envolvidos nas práticas discursivas em análise de modo a captar um pouco da perspectiva dos participantes sobre as circunstâncias da ação na qual se encontram.

As respostas dos entrevistados às perguntas da mensagem foram analisadas e, a partir delas, estabelece-se a discussão deste trabalho.

RESULTADOS

Os resultados evidenciaram que um dos fatores primordiais para a cultura acadêmica no Brasil é a premência de se publicar³ como meio de assegurar espaço profissional em vista da política de financiamento de pesquisa existente no sistema universitário brasileiro com base no conhecido ditado das universidades americanas do 'Publique ou pereça!' (Publish or perish!). Nesse contexto, o artigo acadêmico tem se sobressaído na preferência da publicação acadêmica em função de sua maior rapidez de divulgação quando comparado ao livro.

Para o grupo pesquisado, publicar é mecanismo de disseminação de informação, associado à titulação, reputação, nome e poder, além de habilidades comunicativas

leste (UFRJ) a oeste (UFMT) do país em 30 instituições diferentes, concentradas em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo e, com menos frequência, no Sul – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

³ Entre os pesquisadores entrevistados, evidencia-se a preferência em publicar capítulos de coletâneas e artigos, os quais vêm substituindo o livro aos poucos, seguindo uma tendência já verificada, em pesquisa anterior, em outras áreas como física e química (Motta-Roth, 1995).

COMUNIDADE ACADÊMICA

bem desenvolvidas. Ler e escrever “eficazmente” no contexto acadêmico pode ser apontado como indicador de poder e qualificação em uma sociedade mais ampla que se caracteriza pelo logocentrismo (Clark & Ivanic, 1997; Ivanic, 1998).

Os entrevistados consideram que a publicação acadêmica influenciará diferentes instâncias de produção de saber, como os pedidos aos órgãos de financiamento de pesquisa e a aplicação de resultados de pesquisa ao ensino fundamental e médio. Entretanto, a infraestrutura para apoiar a publicação no Brasil ainda é muito fraca para sustentar a consolidação de uma academia nacional que faça frente à academia espanofônica, francofônica e, principalmente, a anglofônica.

É interessante notar que, conforme alguns dos depoimentos colhidos, as práticas discursivas na academia são vistas como claramente perpassadas por um jogo de poder: há vantagens e prestígio no acesso à publicação no país ou no exterior para os mais antigos ou para aqueles ligados a grupos teoricamente consagrados.

Sujeito 28

É um fato q a publicação em revistas estrangeiras indexadas é muito mais difícil. Contudo, também não escapa do fator quem-é-você ou de quem-você-é-amigo. Vamos deixar de hipocrisia e enfrentar de frente aspectos de subjetividade q envolvem tb a publicação em revistas estrangeiras. Por outro lado, é tb inegável q os pesquisadores brasileiros estão em flagrante desigualdade com pesquisadores do chamado primeiro mundo (entenda-se em muitas áreas de pesquisa: Estados Unidos e Inglaterra, principalmente). Esta desigualdade tem a ver com dificuldades em

DÉSIRÉE MOTTA-ROTH

escrever em LE, acesso e atualização bibliográfica, laboratório de pesquisas, etc.

Sujeito 29

A publicação tem grande importância para os órgãos de pesquisa e fomento, principalmente. Para o pesquisador, e para a área como um todo, é relativo, porque existe muita (MUITA mesmo!) publicação feita só para currículo, que não acrescenta nada de útil ou relevante. Muita pesquisa desenvolvida (teorias, estruturas, conceitos) só será utilizada (SE tanto) por quem a desenvolveu. Às vezes, o pesquisador ainda tenta procurar utilidade para aquilo que ele criou, ou tenta forçar alguma utilidade (faz o oposto do que deveria: cria alguma coisa e depois tenta ver onde/para que serve). O que eu percebo é que, no caminho do progresso científico, 90% do que é elaborado/desenvolvido/criado é jogado fora. Em parte, é natural, mas também existe muito trabalho que é feito por "profissionais da publicação", gente com o princípio de "quanto mais complicado/elaborado/rebuscado, mais complexo vai parecer, e mais difícil dos outros perceberem a falta de princípio ou utilidade daquilo".

Os colegas da área de lingüística parecem ainda ver o sistema de publicação acadêmica como incipiente ou, nos termos definidos por um dos sujeitos da pesquisa, como 'pré-capitalista', isto é, rudimentarmente estruturado, pouco profissional e ainda muito baseado no personalismo.

Ao pensarmos na língua em que pesquisadores devem ou podem escrever para publicar em uma esfera internacional, surge a controvérsia sobre se a língua inglesa pode ser ou é a língua franca da ciência em escala mundial (cf. Phillipson & Skutnabb-Kangas, 1999; Forattini, 1997). Por um lado, pesquisadores nacionais como Freire-Maia

COMUNIDADE ACADÊMICA

(1997, p. 163) defendem a publicação em inglês e cita o caso da publicação em francês que foi significativamente desconsiderada pela academia internacional nos anos 60, levando os pesquisadores franceses a um certo isolamento e a um posterior aumento gradual de publicações em inglês novamente. Por outro lado, Phillipson & Skutnabb-Kangas (1999) argumentam que a hegemonia do inglês na ciência pode ser vista como uma espécie de ‘imperialismo acadêmico’, fundamentado na desigualdade de acesso a recursos (econômicos, bibliográficos, etc.). Essas relações assimétricas no discurso acadêmico são consolidadas pelo status do inglês que legitima paradigmas de pesquisa sem qualquer questionamento (p.31).

Um levantamento, feito em 1994, da afiliação universitária de autores de 180 resenhas acadêmicas publicadas em importantes periódicos⁴ em diferentes países nas áreas de química, economia e lingüística, parece confirmar o caráter monolítico da língua inglesa (Motta-Roth, 1995). Na pesquisa, 76.11% dos resenhadores estavam trabalhando ou nos E.U.A. (57.22%) ou na Grã-Bretanha (18.89%) à época, e a maioria dos restantes (19.44%) estavam em outros países europeus. As resenhas analisadas enfocavam quase que apenas livros escritos em inglês (95.56% dos títulos dos livros são em inglês) e publicados ou nos E.U.A. (57.22%) ou na Grã-Bretanha (18.89%). Se considerarmos ainda que apenas 3 dos 103 resenhadores trabalhando nos E.U.A. resenhou um livro em alguma língua além do inglês, ficamos com uma imagem bastante limitada do que deveria ser o ‘cenário acadêmico internacional’.

⁴ Importância auferida pelo ‘Source Index’ e ‘Journal Citation Report’ do *Citation Index*, publicação norte-americana do Institute for Scientific Information, que traz as revistas mais citadas ano a ano nas mais variadas áreas acadêmicas.

DÉSIRÉE MOTTA-ROTH

Percebe-se uma estrutura endógena da ciência em geral, e em química em particular. O uso de inglês como língua franca é uma tentativa de eliminar barreiras lingüísticas na publicação de informação científica. A ‘troca’ de informação, entretanto, fica circunscrita a fontes com títulos em inglês, publicadas e resenhadas em países de língua inglesa. Os resultados revelam uma academia que fala inglês, especificamente situada nos E.U.A. (e Grã-Bretanha), que se alimenta de si mesma e de seus subprodutos, demonstrando não ter nenhum interesse pelas preocupações ou pela produção de outros países. Multicultural? Onde? Quando?

Considerando-se esses dados, a comunidade científica parece mais ‘nacional’ do que ‘internacional’. É claro que, conforme mencionado, 75% da pesquisa hoje no mundo é desenvolvida nos E.U.A. e, portanto, a situação pode ser inescapável. Todavia, esses resultados podem ser comparados com revistas publicadas em países fora do eixo central, como o Brasil.

Ao fazer um levantamento de periódicos impressos no Brasil em Lingüística verifiquei tendências semelhantes. Embora os sujeitos de minha pesquisa tenham indicado confiança em uma formação de pós-graduação de nossos professores universitários que garanta a publicação de livros, um exame rápido das resenhas coletadas em uma importante revista de lingüística indica uma busca por conhecimento gerado fora do país. Dos 10 livros resenhados no corpus, 7 são publicados no exterior (6 deles escritos por estrangeiros e 1 por uma pesquisadora brasileira trabalhando no exterior). Essa tendência a ler preferencialmente o discurso do ‘outro’ ao invés de nos debruçarmos sobre textos produzidos por nós mesmos, sobre nossos problemas, em cima de nossas próprias teorizações, tem

COMUNIDADE ACADÊMICA

desdobramentos amplos. O mais básico desses é que, para desenvolver qualquer projeto de pesquisa, para refletir sobre fenômenos relevantes, é importante interagir dialogicamente com a reflexão produzida previamente por outros pesquisadores. Nesse caso, textos como os livros que são resenhados se constituem em garantia da existência de um estado da arte amplo, elaborado, decantado. A questão é: em vista da preferência por resenhamos livros estrangeiros, em que medida podemos prescindir, em lingüística, de livros escritos e publicados por nós e para nós no processo de produzir conhecimento relevante para o país?

Textos publicados em um conhecido periódico brasileiro de Lingüística oferecem um interessante contraponto àqueles publicados em periódicos em Economia no país. A Revista de Economia Política, por exemplo, publicou 65 resenhas ao longo dos anos de 1995 (9 textos), 1996 (17), 1997 (12), 1998 (16) e 1999 (11). Dessas, 51 enfocam livros publicados em português, 12 em inglês e 2 em espanhol. Dos 65 livros resenhados, 22 têm, no título, a palavra 'Brasil' ou uma derivada, enquanto outros tantos têm palavras como 'nacional' ou 'regional', que se referem a problemas locais. Esses resultados sugerem que, em Economia, há um sistema estabelecido de produção, distribuição e consumo de textos acadêmicos no país. Pode-se dizer que há, na interação entre pares na área de economia, um processo de produção de conhecimento nacional, visando ao estudo de problemas locais. Esse processo dá forma à aspiração de Carnicel (1999) de que a comunidade acadêmica no Brasil deve se voltar para dentro dos limites do país, detectando problemas e elegendo a agenda de pesquisa em função da realidade nacional, ao invés de se pautar por um programa de pesquisa internacional que

DÉSIRÉE MOTTA-ROTH

interessa aos grandes centros, mas que não resolve nossos problemas ‘tropicais’

Voltando aos entrevistados, parece haver um consenso entre eles de que ainda sofremos de uma colonização teórica da academia anglofônica, embora já estejamos maduros o bastante para criar um corpo de conhecimento no país e tenhamos pesquisadores brilhantes em número suficiente para isso. Apenas em termos iguais, poderíamos conceber uma visão efetivamente multicultural do mundo, conforme sintetizado pelos sujeitos:

Sujeito 29

Muitas vezes o que acontece é que é uma estrada de uma mão só. Quase nenhum pesquisador estrangeiro se preocupa em saber o que está sendo feito no Brasil ou em outros países, enquanto que nós somos cobrados para saber o que acontece nos países estrangeiros (como EUA e Inglaterra). Muitas vezes o que se lê fora é um conceito que já foi desenvolvido aqui, mas como não foi publicado em inglês, não se dá conta de que já existe.

Sujeito 20

Obviamente que ter um texto aceito para publicação em um bom periódico internacional confere um alto status ao pesquisador, mas em uma área tão nova como a nossa [Linguística Aplicada] ainda acho que temos que tornar mais democratizado o resultado de nossas pesquisas no Brasil para os acadêmicos e professores do Brasil. O ideal portanto seria publicar aqui e lá fora, mas com o mesmo peso, se o periódico for importante, é claro.

COMUNIDADE ACADÊMICA

Sujeito 6

... acho que já estaria na hora de nos pautarmos pela nossa realidade acadêmica e não pela realidade das facs americanas cheias de patronos e infraestrutura diversa da nossa. Discordo dessa corrida ao prelo de qualquer forma. Sem qualidade, continuaremos a ter profissionais fazendo pose sem conteúdo.

Sujeito 28

Estou convencido q principalmente nas áreas aplicadas é mais importante publicar em português para dar aos brasileiros acesso aos resultados de pesquisa feita sobre questões brasileiras. Caso contrário, vc acaba tendo q traduzir seus próprios textos para q tenham alcance no Brasil.

No Brasil, o debate está em seu estágio inicial, e defensores de um e de outro lado são numerosos. No entanto, conforme discussão recente entre membros da Associação de Linguística Aplicada do Brasil sobre qual língua deveríamos adotar no novo periódico da ALAB, parece haver uma forte tendência em favor de usar-se uma visão pluralista, aceitando-se para publicação textos em português, inglês, espanhol e francês.

Alguns autores como Pierre Lévy (1999) vêem, nos portais da Internet, uma provável saída para a força hegemônica e centrípeta da comunidade acadêmica em função do caráter autorregulador da rede. Nela, o interesse pelos temas e pelos textos oferecidos para consideração a uma audiência-alvo espalhada pelo planeta é o único critério válido de qualificação desse material. Um dos sujeitos enfatizou o papel da Internet no processo de democratização de produção e de acesso ao conhecimento. Ao ser perguntado sobre se devemos publicar em língua materna ou estrangeira, respondeu:

DÉSIRÉE MOTTA-ROTH

Sujeito 15

Infelizmente, em uma língua estrangeira, pela legibilidade mais ampla. Mas creio que a globalização e a WEB acabarão por incentivar a Babel.

Além de dar maior visibilidade internacional a textos escritos em português, a Internet também funciona como um grande mecanismo de distribuição e consumo de textos dentro do Brasil, contribuindo para o fortalecimento de uma rede de diálogos teóricos entre pontos distantes no tempo e no espaço, mas com identidade nacional comum. Práticas discursivas consistentes são a única possibilidade de constituição de uma comunidade acadêmica brasileira. E só essa brasilidade pode nos garantir uma interlocução que se queira multicultural.

Atualmente, autores como La Porte, Valauskas, Holo-
loviak & Seitter têm argumentado em favor da publicação científica eletrônica em vista do caráter democratizante da Internet, pois possibilita a qualquer um ter acesso a informações diversificadas e recentes sem que precise estar ‘no lugar certo à hora certa’ (Motta-Roth, 2000; Hendges & Motta-Roth, 2000). Por outro lado, o acesso à tecnologia do computador ainda é bastante limitado. Mesmo em países com taxas de alto uso dessa tecnologia, como a Austrália e os Estados Unidos, apenas um pequeno segmento da população em torno de 35,3% tem um computador em casa, sendo que menos da metade dessa porcentagem tem conexão com a Internet (Murray, 1998, p. 11). Entretanto, é inegável que, no que diz respeito especificamente ao acesso à Internet, embora se alegue que essa tecnologia ainda seja reservada à classe privilegiada, nos últimos dois ou três anos, o número de pessoas que passaram a ter acesso a Web se multiplicou frente à

COMUNIDADE ACADÊMICA

so a Web se multiplicou frente à redução dos preços dos computadores, modems e da ligação telefônica.

CONCLUSÃO

Diante das discussões sobre o quanto, em que língua e sobre o que “devemos” publicar em uma cultura emergente de publicação, talvez tenhamos que nos voltar sobre nós mesmos e desenvolver uma abordagem Freireana ao problema da literacia e das práticas acadêmicas, qual seja a de ‘aprender a escrever, escrevendo’ e ‘refletir sobre as relações sócio-históricas entre texto e contexto’ (Freire, 1992), de forma que possamos tomar, pelo menos, duas atitudes (Grabe & Kaplan, 1996, p. 110):

1. tornar-nos conscientes de nossas condições culturais (do papel das instituições, dos objetos, dos participantes na produção do saber e deste com questões de prestígio, poder e sucesso profissional); e
2. aprender a transformar nossas condições culturais através do diálogo, do confronto e do desenvolvimento das literacias acadêmicas.

Quem sabe a partir dessas atitudes, em um futuro próximo, possamos expor o caráter multicultural e pluralista do emprego e do ensino concomitantes de várias línguas no contexto acadêmico em âmbito mundial.

REFERÊNCIAS

BRAIT, B. A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva. In: C.

DÉSIRÉE MOTTA-ROTH

- A. Faraco, C. Tezza, G. de Castro (orgs.) *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora da UFPR, p. 69-92, 1996.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1982.
- CARNICEL, A. A síndrome do 'publish or perish'. *Jornal da Unicamp*, v.XIII, n.139, p. 5-8, 1999.
- CLARK, R.; R. IVANIC. *The politics of writing*. London: Routledge, 1997.
- FORATTINI, O. P. A língua franca da ciência. *Revista de Saúde Pública*, v. 31, n. 1, p. 3-8, 1997.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 39a. edição. São Paulo: Cortez, 1992.
- FREIRE-MAIA, A. Publicar as revistas em inglês ou em português? *Revista Brasileira de Biologia*, v. 57, n. 2, p. 163-64, 1997.
- GRABE, W. & R. KAPLAN. *Theory & practice of writing*. NY: Longman, 1996.
- HENDGES, G. & MOTTA-ROTH, D. Padrões de citação em artigos acadêmicos eletrônicos: 'When less means more'. *Expressão- Revista do Centro de Artes e Letras – UFSM*, v. 3, n.2, p. 76-83, 2000.
- HOLOVIAK, J. & K. SEITTER. Transcending the limitations of the printed page. *The Journal of Electronic Publishing*, 03-01. <http://www.press.umich.edu/jep/03-01/EI.html>, 2000.
- IVANIC, R. *Writing and identity: The discursual construction of identity in academic writing*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 1998.
- KUHN, T. S. *The Structure of Scientific Revolution*. 2nd. edition. Chicago: The University of Chicago Press, [1962] 1970.

COMUNIDADE ACADÊMICA

LA PORTE, R. *Scientific publication, evolution to the Internet*. <http://www.pitt.edu/~super1/lecture/lec0371/001.htm>, 1998.

LEMKE, J.L. *Textual politics: discourse and social dynamics*. London/Bristol, PA:Taylor & Francis, 1995.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: editora 34, 1999.

LOPES, C. V. M. & E. B. F. DULAC. Idéias e palavras na/da ciência ou leitura e escrita: o que a ciência tem a ver com isso? In: I. C. B. Neves et al. (orgs.), p.35-42, 1998.

MOTTA-ROTH, D. *Rhetorical features and disciplinary cultures: A genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry, and economics*. Tese de doutorado. Florianópolis: Pós-Graduação em Inglês, UFSC, 1995.

MOTTA-ROTH, D. Práticas discursivas como locus de investigação: Produção de conhecimento através de leitura e redação de textos em uma comunidade acadêmica. Trabalho apresentado na III Conferência de Pesquisa Sócio-Cultural. 16 a 20 de julho. Campinas: Unicamp, 2000.

MURRAY, D. E. Language and society in cyberspace. *Tesol Matters*, v. 8, n. 5, p.11-12, 1998.

PHILLIPSON, R. & T. SKUTNABB-KANGAS. Englishisation: one dimension of globalisation-L'anglicisation: un aspect de la mondialisation. IN D. Graddol & U. Meinhof (Eds.) *English in a changing world – L'anglais dans un monde changeant*. *AILA Review*, n. 13, p.19-36, 1999.

SAVILLE-TROIKE, M. *The ethnography of communication: an introduction*. 2nd. ed. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1989.

VALAUSKAS, E. First Monday and the evolution of electronic journals. *The Journal of Electronic Publishing*, 03-01. <http://www.press.umich.edu/jep/03-01/FirstMonday.html>, 2000.

DÉSIRÉE MOTTA-ROTH

Recebido: outubro 2001
Revisado: novembro 2001
Aceito: janeiro 2002

Endereço para correspondência:
Désirée Motta-Roth
Rua Francisco Mariano da Rocha, 160/504
97010-170 Santa Maria-RS
e-mail: desiree@cal.ufsm.br

EM BRANCO